

ANÁLISE DA DISTINÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL PREPOSICIONADO E COMPLEMENTO NOMINAL DE SUBSTANTIVO: UMA PERSPECTIVA COGNITIVA

*Analysis of distinction between the prepositional noun adjuncts and noun
complements: a cognitive perspective*

*Adriana Maria Tenuta de Azevedo**

*Anya Karina Campos D' Almeida e Pinho***

RESUMO: Este artigo apresenta uma investigação acerca da existência de motivações cognitivas para se distinguirem adjuntos adnominais preposicionados (AA) de complementos nominais de substantivos (CN). O estudo proposto por gramáticas normativas (GNs) e gramáticas descritivas (GDs) sobre CN e AA permite três generalizações: a) CNs e AAs podem se ligar a substantivos que indicam ação, sendo que o termo em questão será CN quando for paciente da ação expressa pelo substantivo e AA quando for agente; b) CNs não se ligam a substantivos concretos; c) todos os sintagmas com a forma "de + X" ligados a um substantivo serão pós-modificadores desse substantivo. Propõe-se aqui a verificação da validade dessas generalizações por meio da Semântica de *Frames*, de Fillmore (1975), e da Teoria da Mesclagem, de Fauconnier e Turner (1995, 1998), analisando-se o tipo de mescla formada pela união entre substantivos (concretos e indicadores de ação) e o termo X.

Palavras-chave: Complemento Nominal de substantivos; Adjunto Nominal preposicionado; Semântica de *Frames*; Teoria da Mesclagem.

ABSTRACT: *This research aims at investigating the existence of cognitive motivations for distinguishing prepositional noun adjuncts (AA) from noun complements (CN). After checking the criteria in Prescriptive and Descriptive Grammars (GN/DG) related to AA and CN, it is possible to make the following generalizations: a) AA and CN can connect to nouns that indicate action and the term in question will be CN when it is patient of action expressed by the noun and will be AA when it is an agent; b) CNs do not bind to concrete nouns; c) all phrases in the form "de + X" connected to a noun, will be post-modifiers of that noun. This paper proposes a verification, using Frame Semantics (Fillmore, 1975) and Conceptual Blending Theory (Fauconnier and Turner, 1995, 1998, 2002), in order to validate these generalizations, by analyzing the blending type formed by the union between nouns (concrete and action indicators) and nominal or adjectival terms.*

* Adriana Maria Tenuta de Azevedo. Doutora. Professora na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte – Minas Gerais. E-mail: atenuta@gmail.com

** Mestre e Doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva, pela na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Belo Horizonte - Minas Gerais. E-mail: campos.anya@gmail.com

Keywords: *Noun Complements; prepositional Noun Adjuncts; Frame Semantics; Conceptual Blending Theory.*

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que investiga a existência de motivações cognitivas para a postulação de dois grupos de termos oracionais distintos: os adjuntos adnominais preposicionados (AA)¹ e os complementos nominais de substantivos (CN). Tal investigação é feita a partir dos vários critérios diferenciadores, enumerados pelas Gramáticas Normativas (GN) como sendo distintivos desses dois termos, alocando o que chamam de CN e AA em grupos diferentes de termos oracionais. Este estudo também parte dos elementos que permitem às Gramáticas Descritivas (GD) considerá-los como sendo indistintos, ou seja, parte das descrições que levam à conclusão de que a forma e o comportamento desses mesmos termos permitem que eles sejam classificados, indistintamente, como pós-modificadores dos substantivos aos quais se ligam.

Dois dos critérios distintivos apresentados pelas GNs fazem parte do rol encontrado na maioria dessas gramáticas consultadas para esta pesquisa: a) tanto o CN quanto o AA podem se ligar a substantivos que indicam ação e, quando isso ocorre, o termo em questão será CN quando for paciente da ação expressa pelo substantivo (transformado mentalmente em verbo para tal checagem) e será AA quando for agente dessa mesma ação²; b) CNs não se ligam a substantivos concretos.

¹ Os objetos de estudo desta pesquisa são o Complemento Nominal de substantivo, ao qual se referirá como CN, e o Adjunto Adnominal Preposicionado, chamado aqui de AA. Os demais complementos nominais (de adjetivo e de advérbio) e os adjuntos não preposicionados serão assim chamados, sem nenhuma sigla especial.

² O conceito de agente utilizado neste artigo é o proposto por Chafe (1979), de acordo com o qual o agente "é algo que realiza a ação", incluindo seres animados, inanimados e forças naturais (CHAFE, 1979, p. 100) e o conceito de paciente é o proposto por Perini (2009), segundo o qual "paciente é o papel semântico que expressa a entidade diretamente afetada por uma ação, ou que sofre a ação, para utilizar o termo tradicional". (PERINI, 2009, p. 261). Os conceitos de agente e paciente utilizados aqui têm sentido bem amplo, envolvendo papéis temáticos mais específicos, como experienciador e fonte (para agente) e tema e alvo (para paciente). A escolha de tais conceitos pretendeu permitir que a análise a que se procederia se coadunasse com a proposta das gramáticas normativas consultadas, que não se preocupam em definir nem um nem outro conceito ao mencioná-los nas definições de CN e AA. Esse comportamento abre a possibilidade para que os conceitos de agente e paciente sejam utilizados de maneira a abarcar o maior número possível de situações.

Já as GDs são unânimes em afirmar que: c) todos os sintagmas com a forma "de + X" (em que X pode ser um termo qualquer, incluindo uma oração) ligados a um substantivo serão pós-modificadores desse substantivo.

O que se propõe aqui é a investigação de natureza cognitiva para essas generalizações, por meio da análise do tipo de relação existente entre substantivos indicadores de ação e substantivos concretos, de um lado, e seus pós-modificadores, de outro. Tal relação é analisada nos termos da Semântica de *Frames*, de Fillmore (1975) e da Teoria da Mesclagem, de Fauconnier e Turner (1995, 1998, 2002).

Para este estudo, foram escolhidos três substantivos que indicam ação e três substantivos prototipicamente concretos, a fim de se verificar o tipo de relação que esses substantivos mantêm com X em ocorrências do tipo "substantivo + de + X", em que X é qualquer elemento de valor substantivo ou adjetivo, incluindo orações. Os três substantivos indicadores de ação escolhidos são "necessidade", "possibilidade" e "prisão" e os três substantivos prototipicamente concretos são "casa", "cabeça" (parte do corpo) e "carro".

Por fim, a relação que esses substantivos mantêm com X nas ocorrências analisadas foi avaliada a partir da Semântica de *Frames* de Fillmore (1975) e da Teoria de Fauconnier e Turner (1995,1998).

Decidiu-se por uma investigação de caráter semântico e cognitivo pelo fato de haver um forte indício³ de que, sintaticamente, não há como se estabelecerem distinções entre os referidos sintagmas de forma "substantivo" + de + X a ponto de se justificar que alguns deles sejam de um tipo (CNs) e outros de outro tipo (AAs).

2 A Semântica de *Frames* e a Teoria da Mesclagem

A Semântica de *Frames* e a Teoria da Mesclagem foram escolhidas para esta avaliação por seu viés cognitivo e por estarem diretamente relacionadas entre si.

³ AA e CN, devido ao fato de serem sintagmas preposicionados, fazem parte do grupo de elementos, citados por Perini (2009) e Castilho (2010), que só podem vir após o núcleo, o que é mais um indício de que o comportamento desses termos oracionais é sintaticamente semelhante e que eles não devem ser separados em classes distintas.

Os modelos teóricos da Semântica de *Frames* e da Teoria da Mesclagem são frutos de pesquisas precursoras da Linguística Cognitiva (LC), corrente da linguística que trata dos processos de conceptualização e de categorização⁴ relacionando-os com determinantes culturais e com a interação corpórea e extracorpórea dos usuários da língua com o mundo circundante. (DA SILVA, 2004, p. 3)

2.1 A Semântica de *Frames*

A Semântica de *Frames* é o resultado de uma pesquisa iniciada na década de 70 por Charles J. Fillmore, com a intenção de encontrar uma "maneira particular de olhar para o significado das palavras, bem como uma forma de caracterizar os princípios de criação de novas palavras e frases". (FILLMORE, 1982, p. 111)

Por *frame*⁵, Fillmore entende um "sistema de conceitos relacionados, de forma que, para se entender um deles, é preciso se entender a estrutura completa na qual ele se insere" (Idem p. 111). Para o autor, em situações discursivas, a escolha de determinadas palavras pelo usuário de uma língua pressupõe um pano de fundo cognitivo, *background*, formado pelos conhecimentos e experiências pré-existentes na sociedade em que esse usuário se insere. Nesse contexto, a pesquisa por meio da Semântica de *Frames* é uma tentativa de se compreender a forma como essas escolhas se processam. (Ibidem)

Ao desenvolver uma descrição sintático-semântica da valência dos verbos, Fillmore (1982, p. 114) percebeu, no agrupamento a partir das generalizações sintáticas das valências, que algumas generalizações semânticas acabavam se perdendo. Um exemplo dessa perda está na diferença semântica existente entre os verbos *to give* e *to send*, que poderiam se encaixar em *frames* semelhantes em certas situações e diferentes em outras, graças a diferenças semânticas entre eles. Da mesma forma, o autor aponta diferenças semânticas entre *rob* e *steal*, *by* e *sell*, *enjoy* e *amuse*, todas elas encobertas

⁴ "Não se deve associar, entretanto, o estabelecimento de uma designação reconhecida internacionalmente à ideia de que a LC constitui uma abordagem teórica homogênea. Ao contrário, a área reúne um conjunto de abordagens que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses." (FERRARI, 2014, p. 14)

⁵ Fillmore considera *frame* como um termo geral que engloba todos os conceitos envolvidos pelos termos esquema, script, cenário, modelos cognitivos, entre outros, e, da mesma forma, será considerado nesta pesquisa. (FILLMORE, 1982, p. 111)

pela classificação de acordo com suas características puramente sintáticas (FILLMORE, 1982, p. 115).

Esse problema poderia ser resolvido com o desenvolvimento de uma descrição semântica que associasse os verbos individuais a estruturas cognitivas mais gerais, a partir das quais domínios completos de determinado item lexical poderiam ser semanticamente caracterizados. (FILLMORE, 1982, p. 115)

A Semântica de *Frames*, conforme Fillmore (1968, p. 115), parte do princípio de que, para cada *frame* de casos (*case frame*), existe uma "pequena cena abstrata ou uma situação, de forma que, para se entender a estrutura semântica de um verbo, é necessário se entenderem as propriedades dessas cenas" (FILLMORE, 1982, p. 115).

O estudo dessa estrutura cognitiva mais geral teve início quando Fillmore (1982, p. 115) começou a estudar os verbos de julgamento, no começo da década de 70. Descrevendo os "verbos de julgamento" como "culpar", "acusar" e "criticar", Fillmore (1982) percebeu que eles têm em comum os seguintes argumentos: uma pessoa que julga, uma situação passível de julgamento e alguém que será julgado. Acontece que, para cada um desses verbos, esses argumentos se estabelecem e se relacionam de maneiras diferentes. Por exemplo: o verbo "acusar" pressupõe uma situação condenável, um acusador e um culpado. Já o verbo criticar pressupõe um crítico, um criticado e exige recursos que demonstrem o motivo pelo qual a situação merece ser criticada.

Fillmore (1982) entendeu, então, que não se trata de se considerarem os verbos de forma isolada, mas, sim, dentro de um domínio cujos elementos de alguma forma esquematizam a noção de julgamento e comportamento, o que envolve as noções de valor, responsabilidade etc.

O segundo domínio considerado pelo autor com a mesma intenção de caracterizar a cena a ele subjacente foi o de "evento comercial". Conforme Fillmore, 1982, p. 116, o comprador, o vendedor, a mercadoria e o dinheiro seriam os elementos do *frame* de "evento comercial". Sendo assim, a cena ligada ao verbo "comprar" evoca os elementos "comprador" e "mercadoria", deixando como pano de fundo os elementos "vendedor" e "dinheiro". Já uma cena relacionada ao verbo "vender" colocaria em foco o "vendedor" e a "mercadoria", enquanto o "dinheiro" e "comprador" comporiam o

background. Para o verbo "pagar", o foco estaria no "comprador", no "dinheiro" e nas "mercadorias". Outros verbos incluídos no domínio de evento comercial são "gastar", "custar" e "dever" (pagamento) entre outros, que podem ser mais ou menos periféricos com relação a todos esses, considerados, em grande medida, prototípicos.

Fillmore (1982, p. 116) concluiu que "ninguém pode realmente entender o significado das palavras de um domínio sem entender as instituições sociais ou as estruturas da experiência por ele pressupostos"⁶, considerando que essas instituições e estruturas estão presentes nas cenas relacionadas a essas palavras. Segundo o autor, "usando a palavra *frame* para a estrutura na qual a cena é apresentada ou lembrada, nós podemos dizer que o *frame* estrutura o significado das palavras e que as palavras evocam o *frame*"⁷ (FILLMORE, 1982, p. 117).

O trabalho de Fillmore teve seguimento em meados da década de 70, a partir do seu contato com o trabalho de Rosh (1973)⁸ e Berlin and Kay (1969)⁹, que estudavam a importância da noção de "protótipo" na compreensão do sistema de categorização do ser humano.

Um exemplo dado por Fillmore (1982) para ilustrar a importância da noção de protótipo na composição de *frames* é a palavra "órfão". Segundo o autor, órfão é uma criança cujos pais morreram e o significado da palavra é construído a partir de um *background* que inclui o fato de que, para ser considerada órfã, a criança depende do cuidado dos pais e os pais assumem tais cuidados. Pessoas sem pais têm um *status* social relevante somente até certa idade. A categoria "órfão" não traz, em si, qualquer especificação de idade. Assim, fica claro porque, segundo Fillmore, "*frame* [...] é um sistema de categorias estruturadas de acordo com algum contexto motivacional"¹⁰

⁶ No original: Nobody can really understand the meaning of the words in that domain who does not understand the social institutions or the structures of experience which they presuppose. (FILLMORE, 1982, p.116)

⁷ No original: Using the word '*frame*' for the structure way in which the scene is presented or remembered, we can say that the *frame* structures the word-meanings and that the word 'evokes' the *frame*. (FILLMORE, 1982, 117).

⁸ Rosch, Eleanor H. (1973), On the internal structure of perceptual and semantic categories. In Timothy E. Moore (ed.), *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press.

⁹ Berlin, Brent and Paul Kay (1969), *Basic Color Terms*. Berkeley: University of California Press.

¹⁰ "*Frame* [...] is a system of categories structured in accordance with some motivating context" (FILLMORE, 1982, p. 119)

(FILLMORE, 1982, p. 119), que pode ser considerado como usos e costumes construídos ao longo da história de certa comunidade.

A Semântica de *Frames*, como visto, propõe a construção de significados de palavras a partir de um pano de fundo em que cenas gerais e todos os elementos que dela fazem parte proporcionam determinada compreensão, e não outra, sobre tais palavras.

O projeto *FrameNet*, baseado na Semântica de *frames* de Fillmore (1976, 1977, 1982, 1985, 2001, Fillmore e Baker, 2010), iniciado em 1997 pelo Instituto Internacional de Ciência da Computação de Berkeley, tem como objetivo, a partir da anotação de usos em textos reais, construir um banco de dados de palavras da língua inglesa, oferecendo ao estudante um dicionário que conta com mais de 10.000 sentidos das palavras incluindo exemplos anotados de usos, além de mais de 170.000 frases, anotadas manualmente, que fornecem dados relativos a papéis temáticos.

Esse projeto parte, então, da premissa de que os sentidos da maioria das palavras podem ser melhor compreendidos a partir de um *frame* semântico que denota a descrição de algum tipo de evento e seus participantes. Para o conceito do verbo "cozinhar", por exemplo, existe um *background* que envolve o "cozinheiro" (*cook*), a *comida* (*food*), um "recipiente" (*container*) onde se coloca a comida e uma "fonte de calor" (*heating_instrument*).

O trabalho do *FrameNet* é definir os *frames* e anotar frases que mostram como os elementos desses *frames* cabem sintaticamente em torno da palavra que os evoca, como nos seguintes exemplos de *Cook* e *Revenge*:

... [the boys]_{cook} ... **GRILL** [their catches]_{food} [on an open fire]_{heating_instrument}.

[I]_{avenger} 'll **GET EVEN** [with you]_{Offender} [for this]_{Injury}!

Os *frames* são, ao mesmo tempo, cognitivos e semânticos e, por isso, são muitas vezes semelhantes em vários idiomas. Os *frames* de compra e venda (*buying*, *selling*), por exemplo, envolvem os elementos "comprador", "vendedor", "mercadorias" e "dinheiro" (*buyer*, *seller*, *goods* e *money*) independentemente da língua em que são evocados. Assim, vários projetos estão em andamento para se construir *FrameNets*

para vários idiomas, incluindo o português brasileiro, que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo projeto *FrameNet* Brasil.

2.2 Teoria da Mesclagem

A Teoria da Mesclagem diz respeito ao processo de conceptualização realizado na compreensão de enunciados ou termos complexos em que o significado criado pela união dos itens lexicais que formam tal termo é diferente do significado de cada item considerado separadamente. Conforme Tenuta (2010),

Na concepção dessa Teoria, seres humanos realizam integração conceptual quando estão naturalmente envolvidos na realização de diversos tipos de atividades. Essa teoria semântica revela aspectos do processamento cognitivo, dinâmico, relacionados, no geral, a pensamento e imaginação e, em particular, à utilização da linguagem. (...) A integração conceptual é empregada para propósitos variados. É um tipo preferencialmente, mas não puramente, de processamento mental, que também não é essencialmente composicional, no sentido de o significado gerado ser uma simples soma do significado dos elementos envolvidos na composição da mescla Tenuta (2010, p. 92).

A Teoria da Mesclagem propõe a análise das ligações entre os vários espaços mentais que são formados a partir dos domínios da experiência acionados no decorrer do discurso. Fauconnier e Turner (2002) explicam o que são esses espaços mentais a partir de uma charada:

Um monge budista começa a subir uma montanha ao amanhecer e chega ao topo ao entardecer. Após meditar por vários dias, o monge começa a descer a montanha ao amanhecer e chega ao pé dessa montanha ao entardecer. Sem indicação da hora de saída, de paradas, da velocidade do monge. Charada: há um lugar no caminho que esse monge ocupa na mesma hora do dia em suas duas jornadas?¹¹
FAUCONNIER E TURNER (2002, p. 39)

Segundo os autores, para se chegar à solução da charada, é preciso imaginar que o monge esteja descendo e subindo a montanha ao mesmo tempo, e o lugar de encontro do monge com ele mesmo é a resposta procurada. Mesmo sabendo que é impossível o mesmo monge subir e descer a montanha ao mesmo tempo, da mesma forma que é impossível que esse monge encontre a si mesmo em determinado lugar,

¹¹ No original: A Buddhist Monk begins at dawn one day walking up a mountain, reaches the top at sunset, meditates at the top for several days until one dawn when he begins to walk back to the foot of the mountain, which he reaches at sunset. Make no assumptions about his starting or stopping or about his pace during the trips. Riddle: Is there a place on the path that the monk occupies at the same hour of the day on the two separate journeys?

ainda assim é possível imaginar tal situação hipotética e encontrar a solução para o problema proposto. Essa possibilidade, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), deve-se ao fato de o ser humano criar, ao processar essa situação, um espaço mental para a subida e outro para a descida, integrando, de alguma forma, os conteúdos desses espaços.

Na Teoria da Mesclagem, o processamento mental dessa situação poderia ser representado por um diagrama no qual esses espaços mentais e a relação entre eles se apresentariam da seguinte maneira: os espaços de entrada (*input spaces*) correspondem às duas jornadas do monge, a jornada de subida e a jornada de descida. Um espaço mental genérico (*generic space*) paira acima dos dois espaços de entrada, apresentando o que esses dois espaços têm em comum: o monge, um caminho que liga o pé ao topo da montanha, posições nesse caminho, um momento da jornada e o movimento em uma direção não especificada. Um espaço mescla (*blend space*) seria o quarto espaço mental nesse diagrama. Nesse espaço, cada uma das inclinações da montanha contidas nos dois espaços de entrada estaria projetada em uma única inclinação. As duas jornadas seriam unificadas como se ocorressem em um único dia, mas suas direções de subida e de descida são preservadas. No espaço mescla, forma-se, então, uma estrutura emergente que não existe nos espaços de entrada e a relação criada no espaço mescla não existe quando os espaços de entrada são considerados separadamente.

De acordo com Fauconnier e Turner (2002), o diagrama descrito acima seria um exemplo em que a mesclagem se daria a partir de dois espaços de entrada, mas esse processamento cognitivo pode envolver vários espaços de entrada e várias mesclas ao mesmo tempo.

Segundo Fauconnier e Tuner (2003, p. 58), espaços mentais são "pequenos pacotes conceituais construídos enquanto pensamos e falamos, com o propósito de entendimento local e de ação - eles são montagens parciais contendo elementos estruturados por *frames* e modelos cognitivos"¹².

¹² No original: Small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action - they are very partial assemblies containing elements, structured by *frames* and cognitive models" (FAUCONNIER E TUNER, 2003, P.58)

Tenuta (2010) apresenta um esquema da mesclagem básica e o explica da seguinte maneira:

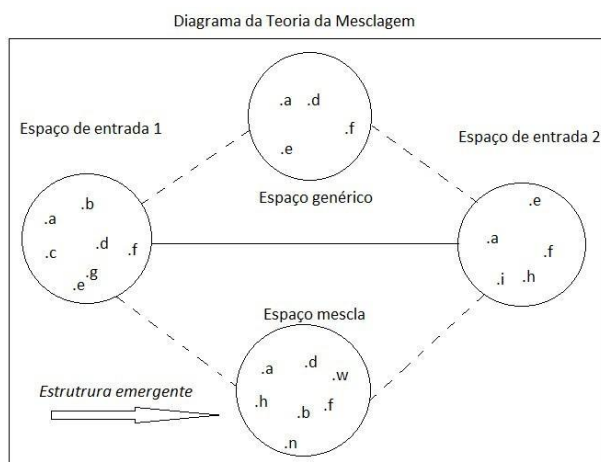


Figura 1: Diagrama mínimo para a mesclagem.

Fonte: TENUTA, 2010, p. 92.

O diagrama propõe que haja domínios-fonte, ou seja, espaços de entrada, num mínimo de dois, com suas estruturas informacionais próprias, provendo elementos a serem selecionados para projeção e composição de nova estrutura integrada no espaço mescla, resultante dos seguintes processos imaginativos: composição, completamento e elaboração. Assim, as inferências, o significado, que ocorrem na mescla, não são previsíveis com base apenas nos espaços de entrada. O espaço genérico do diagrama, que nem sempre aparece representado, informa que as estruturas dos espaços de entrada têm alguma analogia entre si (permitindo mapeamento). E esses elementos comuns são projetados no espaço genérico, estruturando-o. Todo o conjunto forma uma rede de espaços mentais, vista como uma rede de integração conceptual. (TENUTA, 2010, p. 93)

De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 92), os seres humanos só estabelecem as relações entre os espaços mentais porque esse processo é que lhes proporciona a compreensão de novos significados, aumentando a sua capacidade de interação com o mundo e a sua criatividade, que são mediadas pelas relações vitais (FAUCCONNIER E TURNER, 2002). As relações vitais enumeradas e analisadas pelos autores são: mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel, analogia, 'desanalogia', propriedade, similaridade, categoria,

intencionalidade e exclusividade. A integração conceptual tem a ver com a capacidade humana de comprimir¹³ e descomprimir essas relações vitais.

A Teoria da Mesclagem propõe, então, que um tipo de processamento cognitivo pode ser explicado em termos de redes integradas. Existem quatro tipos principais de integração, conforme Fauconnier e Turner (2003), que se diferenciam em termos dos *frames* que estruturam os espaços que compõem a rede. Esses quatro tipos de rede são: *Mirror* (espelho), *Single-Scope* (escopo-único), *Double-Scope* (escopo-duplo) e *Simplex*, que não são, contudo, modelos únicos nem totalmente distintos de integração conceptual. Segundo os autores, "Eles não são quatro espécies separadas e desvinculadas que esgotam o mundo das mesclagens, ao contrário, são pontos relevantes que se sobressaem num cenário contínuo."¹⁴ (FAUCONNIER E TUNER, 2002, P. 139) Dependendo do tipo de rede, pode haver conflitos (*clashes*)¹⁵ entre os *frames* envolvidos na mesclagem.

Na integração do tipo “Espelho” (FAUCONNIER E TURNER, 2002), enquadra-se o exemplo do monge budista, em que situações semelhantes, mas ocorridas em momentos e espaços distintos se espelham desde que o *frame* presente nos dois espaços seja o mesmo. No exemplo do monge budista, os dois espaços de entrada, o de descida e o de subida, compartilham o mesmo *frame*, o da caminhada de um homem ao longo de uma montanha.

Na integração do tipo “Espelho” não há conflito entre os espaços de entrada e os *frames* envolvidos, justamente porque os *frames* que estruturam esses espaços são o

¹³ Compressão, como um termo da ciência cognitiva, refere-se, não especificamente ao ato de contrair alguma coisa em um gradiente de tempo ou espaço, mas, ao invés disso, transformar estruturas conceptuais difusas e distendidas que são menos propícias à compreensão humana, a fim de que elas se tornem mais propícias, melhor adaptadas à nossa forma de pensar em escala humana. No original: “*Compression*, as a term in cognitive science, refers not specifically to shrinking something along a gradient of space or time, but instead to transforming diffuse and distended conceptual structures that are less congenial to human understanding so that they become more congenial to human understanding, better suited to our human-scale ways of thinking.” (TURNER, 2006, p. 18)

¹⁴ No original: “They are not four separate and unrelated species that exhaust the world of blends, but, instead, are prominent points that stand out on a continuous landscape”. (FAUCONNIER E TUNER, 2002, P. 139)

¹⁵ Diferenças marcantes entre a organização dos *frames* das entradas oferecem a possibilidade de ricos conflitos. Longe de bloquear a construção da rede, tais conflitos oferecem desafios à imaginação. As mesclas resultantes podem vir a ser muito criativas. No original: “Sharp differences between the organizing *frames* of the inputs offer the possibility of rich clashes. Far from blocking the construction of the network, such clashes offer challenges to the imagination. The resulting blends can turn out to be highly creative.” (TURNER, 2006, p. 19)

mesmo. Já as compressões nesse tipo de integração ocorrem nas relações de tempo, espaço, identidade, papel, causa-efeito, representação, mudança e intenção, (FAUCONNIER E TURNER, 2002, p. 125) e essas compressões são feitas de maneira bastante fácil e direta em razão da já mencionada ausência de conflito entre as estruturas dos espaços de entrada. No exemplo do monge budista, a subida e a descida da montanha ocorrem em tempos distintos, mas são compreendidas como se ocorressem simultaneamente, graças à compressão de tempo.

Na integração do tipo escopo-único, segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 126), dois *frames* diferentes organizam os espaços de entrada e somente um deles é projetado no espaço mescla.

Um exemplo desse tipo de integração é a utilização do *frame* de uma luta de boxe para organizar nossa compreensão de dois gerentes executivos competindo no mundo dos negócios, como ocorre nas seguintes expressões linguísticas: "o gerente deu um golpe, mas o outro se recuperou", "um gerente estava desarmado e o outro tirou vantagem" (FAUCONNIER E TURNER, 2002, p. 126). Nesse exemplo, o espaço de entrada 1 é organizado pelo *frame* da luta de boxe e o 2 é organizado pelo *frame* do mundo dos negócios, sendo que a mescla reflete o *frame* do espaço de entrada 1. O conflito nesse tipo de integração ocorre simplesmente em razão de existirem *frames* diferentes (boxe e negócios) em cada espaço de entrada.

Conforme explicam Fauconnier e Turner (2002, p. 130), as relações vitais no espaço de entrada relativo ao boxe (tempo, espaço, causa etc.) são bastante definidas, já que dois boxeadores lutam entre si por um tempo predeterminado ou até que cada um deles caia. Já no espaço de entrada dos gerentes, essas relações são bastante difusas porque não é possível avaliar por quanto tempo e em quais espaços as relações de negócios se efetivam e se desfazem. No espaço mescla, as relações vitais estão alinhadas e a compressão entre elas permite que o *frame* do mundo dos negócios seja estruturado em termos de elementos do *frame* da luta de boxe e que cada gerente executivo seja compreendido como um boxeador.

Sobre a mesclagem do tipo escopo-único, Tenuta (2010) afirma que

Nela, os espaços de entrada têm molduras organizacionais distintas e uma dessas molduras é selecionada para estruturar o espaço mescla.

Turner (2005) fornece-nos o exemplo de uma charge representando um duelo entre Dole e Clinton, sabidamente oponentes políticos. Segundo esse autor, "qualquer rede metafórica de escopo-único [...] pode trazer, inerente a ela, um mapeamento metafórico convencional de nível superior, chamado por Lakoff e Johnson (1980) de *metáfora básica*" (TURNER, 2005, n.p., tradução nossa). No caso do exemplo fornecido, essa *metáfora básica* é "OPOSIÇÃO É COMBATE", e há um mapeamento entre o domínio da Política e o domínio do Combate Físico/Guerra. (TENUTA, 2010, p. 99)

Outro tipo de mesclagem proposto por Fauconnier e Turner (2002) é a integração do tipo escopo-duplo, que se dá a partir da projeção para o espaço mescla de elementos de *frames* distintos, sendo que cada um desses *frames* contribui de forma central na formação do *frame* da estrutura emergente, oferecendo a possibilidade do que os autores chamam de "conflitos ricos" (FAUCONNIER E TURNER, 2002).

Os autores dão como exemplo para esse tipo de integração a expressão *cavar sua própria cova*, usada para pessoas que cometem erros e acabam prejudicando a si próprias. Nesse exemplo, os espaços de entrada 1 e 2 seriam o *frame* de morte e de erros inconscientes, respectivamente. No espaço mescla está a noção de que quem se prejudica, mesmo que inconscientemente, dá a si mesmo um castigo.

Conforme explicam Fauconnier e Turner (2002), o que ocorre de surpreendente nesse exemplo e que é causa de um conflito bastante rico, fazendo emergir uma estrutura nada discreta, é o fato de a morte não causar a produção da cova, e sim o contrário. Note-se que o *frame* da estrutura emergente não está organizado pelos *frames* de nenhum dos espaços de entrada, mas é justamente essa estruturação específica que vai permitir a realização de inferências no mundo real.

Por fim, na integração do tipo *Simplex*, uma das entradas é um *frame* e a outra é um elemento específico desse *frame*. No exemplo Paul é o pai de Sally, um dos espaços de entrada é estruturado pelo *frame* de família parentesco, onde se encontram os elementos pai e filha e, o outro, não é estruturado por um *frame*, mas contém dois elementos específicos, Paul e Sally, que se encaixam perfeitamente no *frame* proposto. O espaço mescla se dá com dois elementos do espaço de entrada 2 (Paul e Sally) ocupando lugares relacionados a dois elementos do espaço de entrada 1 (Pai e filha), em uma compressão perfeita. Na integração do tipo *Simplex*, não há conflito entre os elementos componentes dos dois espaços de entrada (FAUCONNIER E TURNER,

2002). Essa situação apresentada de integração de tipo *Simplex* exemplifica o que Fauconnier e Turner (2002) chamam de expressão Y, que são a *Noun-Phrase of*, traduzida aqui como "Sintagma nominal de", cuja presença da preposição "de" pressupõe a formação de um espaço mescla em que se busca o elemento que melhor completa o substantivo sucedido pela preposição, conforme o contexto em que o sintagma nominal aparece.

3 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho tem a seguinte configuração: 1) elaboração de um *corpus* da língua culta; 2) escolha de cinco substantivos que indicam ação e cinco substantivos prototipicamente concretos; 3) busca, utilizando-se o sistema AntConc, das ocorrências em que esses substantivos escolhidos eram acompanhados pela preposição "de" e um elemento "X" de valor substantivo ou adjetivo, incluindo orações; 4) consulta dos *frames* dos substantivos e dos elementos "X" nos sistemas *FrameNet* e *FrameNet Brasil*; 5) análise dos tipos de mesclagem ocorridos entre os substantivos pesquisados e o elemento "X", quando ligados pela preposição "de".

O *corpus* construído para a pesquisa tem um total de 641.399 palavras, o que o caracteriza como um *corpus* médio¹⁶ (250 mil a 1 milhão de palavras), composto de 527 textos, coletados individualmente e por gênero textual. Os textos constantes do *corpus* são representantes de três domínios da atuação humana: jornalístico, literário e científico.

Nesse contexto, os *frames* de três substantivos indicadores de ação (possibilidade, necessidade e prisão) e três substantivos concretos (casa, carro e cabeça) foram pesquisados no *FrameNet* e no *FrameNet Brasil* e copiados tal qual foram disponibilizados pelos projetos. Quando constavam no *FrameNet Brasil*, de lá foram retirados e, na ausência deles, os *frames* foram traduzidos do *FrameNet*.

3.1 Análise das mesclagens

Compilados os *frames* dos três substantivos prototipicamente concretos e dos três substantivos indicadores de ação, as 217 ocorrências foram analisadas a partir das

¹⁶ SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004, 409p.

mesclas formadas pela da união entre tais substantivos e seus pós-modificadores, por meio da preposição "de".

Seguem exemplos das análises feitas:

Para as ocorrências "carro de bois" e "prisão de pequenos traficantes", tem-se:

<i>Carro (Vehicle)</i>
<p>Definição: O <i>frame</i> diz respeito a veículos que os seres humanos usam para o propósito de transporte.</p>
<p>Exemplos:</p> <p>Eu dirigi uma LIMUSINE até a escola de dança.</p> <p>Marcelo dirige um CARRO [velho]_{desc}</p> <p>Você precisa pegar o TREM [da meia noite]_{iti} para chegar amanhã de manhã.</p> <p>Eles andaram num TREM [a vapor]_{prop}.</p> <p>O ÔNIBUS [dele]_{poss} bateu na árvore.</p>
<p>Elementos nucleares:</p> <p>Veículo [veic] Veículo é o dispositivo de transporte que os seres humanos usam para viajar.</p>
<p>Elementos não nucleares:</p> <p>Descritor [desc] Identifica a característica ou descrição do veículo</p> <p>Itinerário [iti] Diz sobre o tempo e a rota do serviço do dispositivo de transporte</p> <p>Propulsão [prop] Designa a forma como o veículo é movido.</p> <p>Possuidor [poss] Dono do veículo.</p> <p>Uso [uso] Finalidade do veículo. Normalmente inclui os meios de transporte.</p>

Quadro 1: Frame de Carro (vehicle).

<i>Prisão (prender)</i>	
Definição:	Autoridades acusam um Suspeito (as Acusações), que está sob suspeita de ter cometido um crime, e o levam sob custódia.
Exemplos:	A [policia] _{aut} PRENDEU [Harry] _{susp} [sob acusação de homicídio culposo] _{acc} . Eles PRENDERAM o Harry [por furto em loja] _{crim} . Ela foi PRESA [com o ministro da Fazenda, Javier Soledad] _{Co_Par} . [A policia] _{aut} PRENDEU Harry [para tirá-lo da rua] _{fin} . [O policia] _{aut} [o] _o PRENDEU por ter infringido o [código de trânsito] _{Font_Aut} . [A policia] _{aut} PRENDEU [Harry] _{susp} [em frente à sua casa] _{lug} . [A policia] _{aut} PRENDEU [Harry] _{susp} [na tarde de quarta-feira] _{temp} . A policia colocou Harry em PRISÃO [domiciliar] _{tipo}
Elementos nucleares:	Acusações [_{acc}] As Acusações identificam uma categoria dentro do sistema jurídico, o crime pelo qual o Suspeito é acusado. Autoridades [_{aut}] As Autoridades acusam o Suspeito de cometer um crime e o levam sob custódia. Crime [_{crim}] O Crime indica a razão pela qual o Suspeito é preso. Suspeito [_{susp}] O Suspeito está preso sob suspeita de ter cometido um crime.
Elementos não nucleares:	Co participante [_{Co_Par}] Uma pessoa que participa do evento juntamente com as Autoridades ou com o Suspeito. Finalidade [_{fin}] Este elemento identifica a finalidade pela qual as Autoridades prendem um Suspeito. Fonte da autoridade legal [_{Font_Aut}] A Fonte da autoridade legal descreve a lei que concede o poder de prisão para as Autoridades. Lugar [_{lug}] Este elemento identifica o Lugar onde ocorre a detenção. Maneira [_{man}] Qualquer descrição do evento "prisão" que não é coberto por elementos mais específicos, incluindo efeitos secundários (calmamente, em voz alta), e descrições gerais, comparando eventos (da mesma maneira). Além disso, pode indicar características marcantes das Autoridades, que também afetam a ação (presunçosamente, friamente, deliberadamente, ansiosamente, cuidadosamente). Meios [_{meio}] Este elemento identifica os Meios pelos quais as Autoridades prendem um Suspeito. Tempo [_{temp}] Este elemento identifica o Tempo em que ocorre a prisão. Tipo [_{tipo}] Este EE indica o tipo de prisão em que o Suspeito é colocado.

Quadro 2: Frame de prisão (prender).

Em “carro de bois”, percebe-se claramente que existe a formação de mescla do tipo escopo-único. Nessa rede, há a integração de um espaço de entrada, estruturado pelo *frame* de “carro”, e de um outro espaço de entrada estruturado pelo *frame* de “boi”. O *frame* de “carro” estrutura também o espaço mescla e seleciona-se do *frame* de “boi” o elemento que identifica o boi como um animal de carga.

E para a ocorrência “prisão de pequenos traficantes”, tem-se a mescla do tipo *simplex*. Nessa rede de integração, o *frame* de “prisão”, que estrutura o espaço de entrada 1, também estrutura a mescla e é o único *frame* estruturador encontrado na rede. O elemento “pequenos traficantes” do espaço de entrada 2, liga-se ao paciente da ação de prender do *frame* do espaço 1. A mescla se organiza dessa forma.

Seguem outros exemplos de análises:

<i>Casa (buildings)</i>
<p>Definição</p> <p>Este <i>frame</i> contém palavras que nomeiam estruturas fixas permanentes que formam um recinto e que fornecem proteção contra os elementos.</p> <p>Exemplos</p> <p>[João]_{cri} construiu sua CASA no [estilo gótico]_{tip}. A casa, [feita de madeira]_{mat} e construída [em 2000]_{Temp_Cri}, fica [perto da farmácia]_{Loc_Rel} e hoje funciona [como abrigo para moradores de rua]_{func}.</p> <p>Elemento nuclear</p> <p>Construção [cons] A entidade construída por um construtor com alguma função.</p> <p>Elementos não nucleares</p> <p>Criador [cri] O indivíduo que criou a construção.</p> <p>Descritor [desc] A caracterização de alguma propriedade da construção.</p> <p>Função [func] A utilização dada à construção.</p> <p>Material [mat] Alguma indicação do que é feita a construção, incluindo componentes, ingredientes etc.</p> <p>Nome [nom] O nome utilizado para se referir à construção.</p> <p>Lugar [lug] A localização da construção.</p> <p>Possuidor [pos] A pessoa ou outra entidade legal a quem pertence ou que tem a posse da construção.</p> <p>Localização Relativa [Loc_Rel] O lugar em relação ao qual a construção é localizada</p> <p>Tempo de criação [Temp_Cri] O tempo em que a construção começou a existir.</p> <p>Tipo [Tip] Uma indicação do subtipo da construção, incluindo o estilo arquitetônico.</p>

Quadro 3: Frame de casa (buildings).

<i>Cabeça (parte_observável_do_corpo) (observable_body_parts)</i>
<p>Definição</p> <p>Este quadro abrange palavras para <i>Parte_observável_do_Corpo</i> (s) (PC), pertencente a um possuidor [pos], que pode ser caracterizado por um descritor [desc]. A localização da PC pode ser identificada em termos do seu anexo [anex] ou sua <i>Orientational_Location</i>. Também pode ser indicada uma sub-região de um PC.</p> <p>Exemplos:</p> <p>A CABEÇA do [Fred]_{pos} é [pequena]_{desc}.</p> <p>Os DEDOS [da mão esquerda]_{anex}.</p> <p>As MÃOS [trêmulas]_{desc}.</p> <p>PERNA [esquerda]_{loc_Ori}.</p> <p>Elementos nucleares</p> <p>Parte do corpo [Part_Corp] É a parte do corpo.</p> <p>Possuidor [pos] Denota o possuidor da parte do corpo</p> <p>Elementos não nucleares</p> <p>Anexo [anex] É a maior parte do corpo ao qual o BP é ligada.</p> <p>Descritor [desc] É usado para uma característica ou descrição da PC. É um modificador do substantivo.</p> <p><i>Localização orientacional</i> [Loc_Ori] Descreve a orientação da parte do corpo com relação à orientação inerente ao copo (ou da maior parte do corpo) ao qual a parte está ligada.</p> <p>Sub-região [Subr] Identifica a sub-região da parte do corpo referenciada.</p>

Quadro 4: Frame de cabeça (parte_observável_do_corpo) (observable_body_parts).

<i>Possibilidade</i>
<p>Definição: Um [Evento possível]_{Ev_Poss} é considerado como tendo alguma probabilidade de ocorrência, se pertencer a alguma [condição]_{cond} adicional (geralmente implícita). A [condição], se declarada ou implícita, geralmente se refere à decisão de um agente de tentar trazer algo sobre o Evento possível. A primeira implicação é que alguns outros aspectos da situação, geralmente a falta de capacidade ou permissão, não se referem ao que tem sido esperado para impedir o Evento possível.</p> <p>Exemplo: [Você]_{Ev_Poss} PODE [ter mais dois]_{Ev_Poss} [se você quiser]_{cond}.</p> <p>Elementos nucleares: Condição_{cond} O estado de coisas que não se sustenta, mas, se se sustentasse, o Evento possível ocorreria. (Se você quiser) Evento possível _{Ev_Poss} O Evento possível cumpriu com suas pré-condições e ocorrerá, caso alguma condição adicional se mantiver. (Você ter mais dois)</p>

Quadro 5: Frame de Possibilidade.

<i>Necessidade (Being_necessary)</i>
<p>Definição: Um estado de coisas [dependente]_{dep} possui uma [condição]_{cond} como pré-requisito de ocorrência.</p> <p>Exemplo: [Raquel]_{Ent_Obr} NECESSITA de [dinheiro]_{cond} [para pagar o aluguel]_{dep}.</p> <p>Elementos nucleares: Dependente_{dep} Estado das coisas que não se mantém sem a condição (pagar o aluguel) Entidade obrigatória_{Ent_Obr} entidade que deve estar presente para que a dependência do estado das coisas ocorra (Raquel: é preciso que Raquel necessite do dinheiro) Condição_{cond} Entidade ou estado das coisas que precisa estar presente ou ocorrer para que o dependente seja obtido (Dinheiro: o dinheiro é necessário para que o aluguel seja pago)</p>

Quadro 6: Frame de Necessidade (being_necessary).

Postula-se aqui que a mesclagem evidenciada no sintagma **POSSIBILIDADE** [de avaliar esta representatividade social da clínica-escola]_{Ev_Poss} é do tipo *simplex*. Isso porque, no espaço de entrada 1, está o *frame* de “possibilidade” (Evento possível), que também é projetado para a mescla, enquanto, no outro espaço de entrada, encontra-se um elemento que, nesse *frame*, preenche, ou se liga, ao papel semântico de paciente da ação de possibilitar: o Evento_Possível, representado pela oração "avaliar esta representatividade social da clínica-escola".

Mescla diferente da anterior, representando agora o tipo escopo-único, é verificada na análise do sintagma **CASA** [de telhado vermelho]_{desc}, em que a estrutura emergente é organizada a partir do *frame* de “casa”, projetado do espaço de entrada 1. Do espaço de entrada 2, estruturado pelo *frame* de “telhado vermelho”, que compõe,

projeta-se ao espaço mescla o elemento “característica/cor”, ligando-se ao telhado do *frame* de “casa”.

Outro exemplo de mescla do tipo *Simplex* envolvendo os *frames* descritos anteriormente é **NECESSIDADE** [de correção]_{cond}, em que, no espaço de entrada 1, e também estruturando a mescla, está o *frame* de “necessidade” (*being_necessary*). No espaço de entrada 2, não se encontra um *frame*, mas apenas o elemento “condição”, que preenche um papel temático no próprio *frame* de “necessidade” (paciente da ação de necessitar/ a correção é necessária).

Finalmente, em **CABEÇA** [de ovo]_{desc}, verifica-se a mescla do tipo escopo-único, já que no espaço de entrada 1, está o *frame* de “cabeça” e, no espaço de entrada 2, está o *frame* de “ovo”, sendo que apenas o *frame* de *cabeça* é projetado no espaço mescla e, do *frame* de “ovo”, projeta-se o elemento “formato” para espaço mescla.

Nota-se, pois, uma diferença entre as mesclas formadas nos sintagmas em que o núcleo é substantivo indicador de ação e aquelas formadas nos sintagmas em que o núcleo é o substantivo concreto. As primeiras são do tipo *Simplex* e as outras, do tipo escopo-único.

4 Análise dos dados e os tipos de rede de integração conceptual

Acredita-se que haja uma semelhança entre as *Noun-Phrase of* e o sintagma nominal formado pelos “substantivos indicadores de ação + de + X”, isso porque, da mesma maneira que há a compressão perfeita entre o *frame* do espaço de entrada 1 (família - pai e filha) e os elementos do espaço de entrada 2 (Paul e Sally), também há compressão perfeita entre a ação expressa pelo substantivo e um dos elementos (agente ou paciente) que completam a grade argumental de tal ação.

O fato de o substantivo núcleo do sintagma nominal expressar uma ação faz com que o elemento esperado como aquele que melhor completa esse substantivo por meio da preposição “de” seja justamente um dos elementos da grade argumental dessa ação, que, no caso dos substantivos aqui pesquisados são os elementos que representam os papéis semânticos de agente e paciente, definidores de CN e AA, conforme definem as gramáticas normativas.

Assim, pode-se dizer que no sintagma “necessidade de união” há formação da mescla do tipo *simplex* porque “união” é paciente da ação de “necessitar”.

Quanto aos sintagmas nominais formados pelos “substantivos prototipicamente concretos + de + X”, acredita-se que, embora formalmente se assemelhem à *Noun-Phrase of*, não é possível dizer que possam de fato ser classificados como tais. Não se espera que um determinado elemento complemente um substantivo prototipicamente concreto, pois não se fala em grade argumental para tais substantivos. Ou seja, uma grande variedade de elementos pode atuar como pós-modificadores de um substantivo concreto, impossibilitando a previsão de qual seja tal elemento, já que não há limitação imposta por papéis semânticos, de agente e paciente, ou outro.

Assim, dada a expressão “necessidade de”, espera-se a modificação do substantivo, por meio da preposição “de”, pelo agente ou pelo paciente da ação de “necessitar”, mas, dada a expressão “carro de”, o elemento complementador do sintagma pode ser uma infinidade de *frames*. Daí porque se entende que a mescla formada no caso dos sintagmas compostos por “substantivos concretos + de + X” é do tipo escopo-único, apresentando um *frame* estruturador distinto em cada espaço de entrada, e não do tipo *simplex*.

5 Análise dos resultados

De acordo com as análises realizadas, as relações entre os substantivos indicadores de ação e os elementos X (que, por meio da preposição “de” se ligam àqueles substantivos e podem ser qualquer elemento de valor substantivo ou adjetivo, incluindo orações) serão construídas a partir de mesclagens dos tipos *Simplex*. Já as relações entre os substantivos concretos e os elementos X (que, por meio da preposição “de” se ligam àqueles substantivos e podem ser qualquer elemento de valor substantivo ou adjetivo, incluindo orações) serão construídas a partir de mesclagens do tipo escopo-único.

Ocorre que essa diferença não se mostra suficiente para justificar a separação entre CN e AA em grupos distintos de termos da oração. Isso porque, conforme dispõem as GNs, se o pós-modificador do substantivo indicador de ação for paciente de tal ação, esse pós-modificador será CN e, se for agente, será AA. No entanto,

independentemente do papel semântico exercido pelo pós-modificador, a mescla formada entre ele e o substantivo indicador de ação será do tipo *Simplex*, ou seja, a divisão proposta pelas GNs não se verifica desse ponto de vista cognitivo.

É o que ocorre, por exemplo, em relação a "necessidade de alguém" em que, tanto no caso de "alguém" ser agente (alguém necessita), ou paciente (alguém é necessário) da ação de necessitar, a mescla formada pelo *frame* de "necessidade" e os elementos "agente" ou "paciente" desse mesmo *frame* expressos pelo termo "alguém" será do tipo *Simplex*.

Isso ocorre porque agentes e pacientes fazem parte da grade argumental das ações expressas pelos substantivos indicadores de ação. Nos substantivos aqui analisados, "possibilidade", "necessidade" e "prisão", esses elementos são: entidade_obrigatória [Ent_ob] e condição [cond] como agente e paciente, respectivamente, da ação de necessitar (*frame* de "necessidade"); evento_possível [Ev_Pos] e condição [cond], nessa ordem, como paciente e agente da ação de possibilitar (*frame* de "possibilidade"); e autoridade[aut] e suspeito[susp] como agente e paciente da ação de prender (*frame* de prisão).

Assim, a se confirmarem os achados desta pesquisa após um volume maior de mesclas analisadas, poder-se-á postular que não há justificativa cognitiva para a primeira generalização feita pelas GNs, qual seja, que os elementos ligados, por meio da preposição *de*, a substantivos que indicam ação serão sempre CN quando forem pacientes e AA quando forem agentes de tal ação.

Quanto à generalização feita pelas GNs de que os elementos ligados a substantivos concretos, também por meio da preposição "de", serão sempre AA, pode-se dizer que o problema de tal divisão estaria na classificação categórica de certos substantivos como concretos.

Assim, a generalização proposta pela GD de que os CNs e AAs da GN são simplesmente pós-modificadores dos substantivos aos quais se ligam, além de se mostrar sintática e semanticamente mais adequada, mostra-se mais viável também do ponto de vista cognitivo.

Portanto, os resultados a que se chegou até agora indicam a ausência de justificativa cognitiva para a separação de CN e AA em dois grupos distintos de termos oracionais, como procedem as GNs, ao mesmo tempo em que fornecem uma explicação cognitiva para se considerarem esses sintagmas preposicionados como sendo todos um único grupo de pós-modificadores de substantivos, como entendem as GDs.

Considerações finais

Percebe-se, pois, uma diferença entre as mesclas formadas pelos substantivos concretos e aquelas formadas pelos substantivos indicadores de ação e seus pós-modificadores, mas tal diferença não significa diferença entre CN e AA, uma vez que os pós-modificadores ligados aos substantivos indicadores de ação, em que pese serem classificados como CN ou AA a depender de seu papel semântico, formam, ambos, com tais substantivos, mesclas tipo *Simplex*.

Além disso, o fato de a mescla formada entre substantivos concretos e seus pós-modificadores ser do tipo escopo-único, diferentemente, portanto, da mescla formada pelos substantivos indicadores de ação e seus pós-modificadores, que é do tipo *Simplex*, existe uma classificação que antecede a verificação da mescla, que é a que envolve as noções de concreto e abstrato.

Assim, as diferenças das mesclas dos tipos *Simplex* e escopo-único verificadas nas ocorrências analisadas para este artigo não são capazes de justificar a divisão de CN e AA em termos oracionais distintos.

Por tudo isso, fica claro que a proposta das GDs é mais razoável em termos sintáticos, semânticos e cognitivos, por considerar os CNs e os AAs das GNs como sendo, simplesmente, pós-modificadores dos substantivos aos quais se ligam por meio da preposição "de".

Referências

CHAFE, W. L. *Significado e Estrutura Linguística*: tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

FILLMORE, C. J. *Frame semantics*. In *Linguistics in the morning calm - selected papers from SICOL-1981*. Hanshin Publishing Company. Korea: Seoul, 1982.

_____. *The case for case*. In: E. Bach and R. Harms (Editors). In: *Universals in Linguistics Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books. New York, 2002.

_____. *Conceptual Blending, form and meaning*. *Recherches en communication*, nº 19 (2003). Disponível em <http://tecfa.unige.ch/tecfa/maltt/cofor-1/textes/Fauconnier-Turner03.pdf>. Acesso em 09/02/2015.

TENUTA, A. M. Uma breve introdução à Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, A. B; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; CAVALCANTE, S. M. S. (Org.) *Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas - de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, p. 85-103, 2010.

TURNER, M. Compression ad representation. *Language and literature*. London, Thousand Oaks. CA and New Delhi. Vol. 15 (1), p. 17-27, 2006.

CASTILHO, A. T. Demonstrativos. In: ILLARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Org). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. v. 2. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

Recebido em: 30/09/2016

Aceito em: 02/12/2016